

## **MEMÓRIA E CONTRADIÇÃO: O APAGAMENTO DA PRESENÇA NEGRA NA ARGENTINA**

María Esperanza Izuel<sup>1</sup>

O presente trabalho surge como um recorte da minha tese de doutorado, na qual analisei os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires, através de sua inscrição na ordem da língua estrangeira e na ordem de um espaço outro, observando como isso se manifesta em seus discursos. Nessa oportunidade, as sequências discursivas foram obtidas por meio de entrevistas e, a partir da análise, identificamos certas regularidades que orientaram a delimitação de determinados objetos discursivos sobre os quais os sujeitos falam. Um deles, que será abordado neste trabalho, refere-se ao racismo e à suposta inexistência de população negra na Argentina.

Nosso objetivo é analisar, nos dizeres dos sujeitos entrevistados, os mecanismos discursivos que expõem o funcionamento de um imaginário ancorado em discursos que historicamente invisibilizam a presença negra nesse país, e que sustentam, pelo efeito da repetibilidade, a ideia de que “não há negros na Argentina”, perpetuando a crença de que a origem da população provém exclusivamente da imigração europeia.

Entendemos, junto com Orlandi (2007a), que o imaginário não “brota” do nada, mas deve ser posto em relação com a memória e com as formações discursivas e ideológicas nas quais o sujeito se insere. Sendo assim, consideramos que os dizeres dos sujeitos entrevistados se inscrevem numa rede de memória a partir da qual afirma-se que “na Argentina não há negros”. Trata-se de um saber discursivo que, conforme Orlandi (2007a, p. 31), “torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. É pelo interdiscurso que esses dizeres ficam “disponíveis” afetando o modo de significar dos sujeitos em determinadas situações discursivas, uma vez que esse interdiscurso sustenta a própria possibilidade do dizer, baseada no conjunto de enunciados já ditos e esquecidos que determinam nosso discurso (Orlandi, 2007b). A noção de pré-construído (Pêcheux, ([1975], 2014) é relevante para nossa análise porque constitui, como diz Indursky (2011), um dos funcionamentos discursivos através do qual podemos observar como se materializa a memória no discurso, através, por exemplo, da repetibilidade, da regularização. O interdiscurso, segundo a autora, “abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD. Ou seja, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada” (INDURSKY, 2011, p. 88), que permite perceber os ecos da memória social e coletiva que nos precede e que contribui para a conformação de nossas representações sobre o outro.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras – Área de concentração: Linguística (UFPE).

Na sequência discursiva (SD) selecionada para este trabalho, notamos como é adotado esse pré-construído que contribui para o apagamento da presença negra na Argentina. Essa sequência corresponde à entrevista realizada com uma brasileira branca de classe média-alta que, naquele momento, morava há uns três anos na Argentina:

**SD 1** – Muita gente acha que a mulher brasileira é puta, aqui na Argentina, acontece muito... comigo isso não acontece porque **tem uma coisa de racismo aqui na Argentina** que eu sinto. Por exemplo, **eu tenho uma moça que me faz a unha, uma manicura brasileira, um amor, é do Nordeste, bonitona, linda, mas negra mulata, mas adorável** e já aconteceram situações horríveis com ela, aqui. Porque pensam que... é puta, garota de programa. Tem uma concepção ali que **não sei se é porque aqui não se veem muitas “pessoas de cor”**, não sei. [...] O Brasil é um país muito racista, mas é uma coisa silenciosa, mas eu penso que agora está se conseguindo muita coisa a favor da população negra que eu acho muito importante, porque **temos uma dívida, né? como brancos. Eu sou super a favor das cotas nas universidades, tudo isso, mas aqui como não tem, porque não sei, não sei, me disseram que os mataram primeiro na guerra**, então...

Em alguns trechos desta SD se observa o funcionamento de um imaginário muito forte na (e sobre) a Argentina, onde se retoma o pré-construído e se aceita como evidência a afirmação de que “não tem” negros nesse país (por exemplo: *não sei se é porque aqui não se veem muitas pessoas de cor; aqui como não tem, porque não sei, não sei, me disseram que os mataram primeiro na guerra*).

Esse imaginário, que diz respeito à composição da população argentina, está ancorado em discursos que há anos invisibilizam a presença negra nesse país. Isso é sustentado pelo efeito da repetibilidade da afirmação de que “não há negros na Argentina”, instalando, assim, a crença de que a origem da população provém exclusivamente da imigração europeia.

Para ilustrar esta afirmação, cabe mencionar dois exemplos. Em 2021, o então presidente do país, Alberto Fernández, pronunciou numa entrevista coletiva com o primeiro-ministro da Espanha, a desafortunada frase – atribuída erroneamente a Octavio Paz – “os mexicanos vieram dos índios, os brasileiros vieram da selva, mas nós, os argentinos, chegamos em barcos. Eram barcos que vinham da Europa”. Embora seja inegável que a Argentina recebeu grandes ondas migratórias de origem europeia, a frase nega a diversidade do povo argentino, ignora a presença dos povos originários, dos afrodescendentes e dos imigrantes de outras regiões, por exemplo, asiáticos e principalmente latino-americanos, que constituem um dos fluxos migratórios mais relevante das últimas décadas. O segundo exemplo ocorreu alguns anos antes, durante a presidência de Mauricio Macri, quem formulou uma afirmação do mesmo teor no Fórum Econômico Mundial de Davos: “Acredito que a associação entre o Mercosul e a União Europeia seja natural porque na América do Sul todos somos descendentes de europeus”<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> As informações correspondentes às frases de Alberto Fernández e de Mauricio Macri foram obtidas de: <https://elpais.com/internacional/2021-06-09/la-cita-fallida-de-alberto-fernandez-los-mexicanos-salieron-de-los-indios-los-brasileros-de-la-selva-pero-los-argentinos-de-los-barcos.html>. Acesso em: 2 jan. 2024.

Por que será que os dois presidentes, pertencentes a partidos políticos opostos, reproduzem o argumento da ascendência europeia com total naturalidade? Sem dúvida, as condições de produção desses discursos são determinantes: ambos foram produzidos diante de autoridades europeias. Trata-se de cenas enunciativas nas quais, no jogo das projeções imaginárias e os lugares atribuídos a si e ao outro, os locutores, afetados ideologicamente, projetam seus interlocutores europeus como superiores e realizam essas declarações que não apenas são apresentadas como evidências, mas que interpretamos aqui como gestos de condescendência e servilismo, mostrando um complexo de inferioridade próprio da lógica colonial<sup>3</sup>.

É pelo interdiscurso que esses dizerem ficam “disponíveis” afetando o modo de significar dos sujeitos em determinadas situações discursivas. Nesse sentido, tanto os discursos dos presidentes quanto os discursos dos sujeitos entrevistados, a partir de sua inscrição em determinadas formações discursivas e ideológicas, funcionam como evidências e são sustentados pelo pré-construído.

A forma como isso se expressa no discurso da SD1 está atravessada também por marcas de heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 2011), através de uma citação indireta e indeterminada, na medida em que não diz quem lhe disse isso, mas simplesmente “me disseram que os mataram primeiro na guerra”. Dessa forma, produz-se um efeito de distanciamento com esse dizer, não se responsabilizando por ele, mas isso não lhe impede de assumir esse dizer como uma verdade, apesar das hesitações introduzidas pelo “não sei” repetido. Isso porque o “não sei” aponta ao suposto motivo da inexistência de negros na Argentina, mas não para o fato em si mesmo, que é reafirmado nas formulações “como não tem” e “aqui não se veem muitas pessoas de cor”.

Entendemos, junto com o historiador argentino Felipe Pigna (2018), que esse apagamento constitui uma forma de racismo que envolve a negação ou desvalorização da presença da população negra e a ocultação da exploração sofrida. O autor também destaca que a narrativa dominante atribuiu tradicionalmente a diminuição da população negra a eventos como às guerras da Independência, às guerras civis, à guerra do Paraguai – como “lhe disseram” ao sujeito da SD1 –, e às epidemias da cólera e da febre amarela, na segunda metade do século XIX. Embora não desconheça a relevância desses eventos, o historiador afirma que existem outros motivos que não são normalmente expostos e que ocultam a herança racista da Argentina. Um deles tem a ver com as condições de exploração nas quais viviam estas populações, inclusive mesmo depois da abolição da escravidão, o que explicaria os altos níveis de mortalidade de negros, mesmo em períodos de “paz”. Assinala também que a mortalidade dos recém-nascidos entre a população de origem africana quase duplicava a dos brancos.

---

<sup>3</sup> Dentro dessa mesma lógica se inscreve o enunciado formulado em 2016 por Mauricio Macri, no ato do Dia da Independência argentina, diante do Rei da Espanha, em que afirma que os cidadãos que lutaram pela independência “deveriam ter angústia de tomar a decisão, querido Rei, de se separar da Espanha”. Discurso disponível em: <https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/36724-palabras-del-presidente-mauricio-macri-en-el-acto-por-el-bicentenario-de-la-independencia-en-tucuman>. Acesso em: 2 jan. 2024.

Voltando para a SD1, observamos o reconhecimento do racismo na Argentina quando o sujeito diz “tem uma coisa de racismo aqui na Argentina” e se coloca imaginariamente contra o racismo reconhecendo a dívida com os negros e manifestando-se a favor de políticas sociais de inclusão na universidade (*temos uma dívida, né? como brancos. Eu sou super a favor das cotas nas universidades, tudo isso*). Nesse enunciado, o sujeito procura o apoio do interlocutor, que se mostra materialmente na flexão do verbo que aponta para um *nós* inclusivo e o marcador conversacional “né?”. O *eu* consciente constrói para si um discurso supostamente coerente e unificado, mas isso se dá apenas imaginariamente e entra em confronto com o real, que se deixa ver na linguagem, revelando as contradições entre diferentes formações ideológicas, já que em um outro trecho da sequência, o sujeito afirma que na Argentina *não se veem muitas pessoas de cor*.

Além da identificação com a negação da população negra na Argentina, é importante destacar o uso do termo “pessoas de cor”, um eufemismo que reflete um racismo enraizado, diante do qual Victoria Santa Cruz<sup>4</sup> responderia com uma bela risada: “E vou rir daqueles que para evitar – segundo eles – que para evitar-nos algum dissabor chamam os negros pessoas de cor”. E é porque esses eufemismos costumam ser utilizados para evitar denominações – no caso “negro” – que, de acordo com a inscrição ideológica do sujeito, seriam ofensivas ou pejorativas. O eufemismo, nesse sentido, expõe o funcionamento das projeções imaginárias determinadas pelas condições de produção dos discursos, a partir do qual o sujeito, na sua tentativa de não parecer racista diante de seu interlocutor, evita dizer uma palavra que, de acordo com sua posição ideológica e sua inscrição em determinada FD, poderia ser interpretada como racista. Não entanto, essa tentativa de suavizar sua expressão evidencia uma posição que sustenta que o termo “negro” implica, *per se*, atributos negativos, o que demonstra que “todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa” (Orlandi, 2007a, p. 38), mesmo que o *eu* consciente tente dissimulá-lo. Quer dizer, o sujeito expressa seu apoio às políticas afirmativas e reconhece o racismo, mas ao mesmo tempo usa uma expressão racista, evidenciando as contradições nas formações discursivas em jogo.

Em outro trecho da SD1, o sujeito exemplifica o racismo que sofrem as mulheres negras na Argentina, trazendo o caso da manicura (*Muita gente acha que a mulher brasileira é puta, aqui na Argentina. [...] Eu tenho uma moça que me faz a unha, uma manicura brasileira, um amor, é do Nordeste, bonita, linda, mas negra mulata, mas adorável e já aconteceram situações horríveis com ela, aqui*). Entendemos que esse recorte mostra a contradição constitutiva de FD antagônicas: uma, que denuncia o racismo, e outra, que se reflete na forma em que fala da manicura. Chama a atenção, nesse sentido, o uso do verbo “ter”, que denota posse, no encadeamento “tenho uma moça”, o que marca uma posição ideológica de classe e faz ressoar uma memória que remete à submissão e à escravidão. Isso se conecta à menção da origem da manicura, o Nordeste brasileiro, historicamente projetado como inferior ao Sul do país e carregado de representações preconceituosas que projetam o nordestino como subalterno.

<sup>4</sup> Victoria Santa Cruz foi uma poetisa, compositora, coreógrafa e ativista afro-peruana. Um dos seus poemas mais emblemáticos, que citamos acima, é “Me gritaron negra” e está baseado numa experiência pessoal que aconteceu com ela quando era criança. O poema completo em português e espanhol está disponível aqui: <https://lyricstranslate.com/pt-br/me-gritaron-%C2%A1negra-gritaram-para-mim-preta.html>. Acesso em: 2 jan. 2024.

Além disso, neste contexto, a repetida utilização da conjunção "mas" marca movimentos de identificação na relação sujeito/sentido, onde podemos observar a tentativa de controle que, diante do funcionamento do real, acaba fracassando. No encadeamento de significantes presentes na sequência, o *mas* não poderia ser considerado como oposição entre “linda” e “negra”, a não ser pela inscrição ideológica do sujeito, dado que é a partir dessa posição e no âmbito de determinada formação discursiva que os termos são significados numa relação de oposição e exclusão. Em outras palavras, numa FD racista não se deve nem se pode dizer que uma mulher é negra e linda, ou dizer que é negra e adorável, ambos os termos são excludentes. Dessa forma, se por um lado o sujeito, afetado pelas condições de produção do discurso, atribui adjetivos positivos (“é um amor, bonita, linda, adorável”) e procura controlar os efeitos de sentido de seu discurso, por outro, o real irrompe instaurando a contradição. Seguindo Magalhães e Mariani (2010) podemos entender esses enunciados como marcas de subjetividade que assinalam traços do registro inconsciente e do assujeitamento ideológico, assim como da identificação com uma determinada formação discursiva no marco de certas condições de produção.

Ao observarmos a sequência discursiva trazida para este trabalho, notamos uma identificação com o que, através de uma análise mais aprofundada, poderia nos levar à descrição de uma formação discursiva racista, na medida em que o sujeito se apropria de pré-construídos que promovem o apagamento da presença negra na Argentina. No entanto, reconhecemos que as formações discursivas “são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas” (ORLANDI, 2007a).

Assim, na SD1, procuramos analisar as contradições entre posições ideológicas, evidenciadas pelas marcas presentes na materialidade discursiva, revelando ali um funcionamento que remete ao que Courtine (2009) chama de enunciado dividido, o qual aponta, justamente, a mostrar as relações antagônicas entre FD no fio do dizer. A partir da análise concluímos que isso é possível, por um lado, porque as formações discursivas possuem uma heterogeneidade constitutiva, e a relação entre elas, apesar do efeito de estabilização, é marcada também pelas contradições. E, por outro, porque os discursos analisados estão atravessados por um imaginário que se inscreve em uma rede de memória que, assim como os discursos fundadores, constrói uma narrativa hegemônica sobre a história e a identidade de um povo ou de uma nação.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidad mostrada y heterogeneidad constitutiva: elementos para un abordaje del otro en el discurso. *In*: AUTHIER-REVUZ, J. **Detenerse ante las palabras**: Estudios sobre la enunciación. Trad. Carina Blixen et al. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2011.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, F., MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.



MAGALHÃES, B.; MARIANI, B. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007<sup>a</sup>.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007b.

PÊCHEUX, M. [1975] **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PIGNA, F. ¿Qué pasó con los afroamericanos? **El historiador.com.ar**, 2018. Disponível em: <https://www.elhistoriador.com.ar/que-paso-con-los-afroamericanos/>. Acesso em: 2 jan. 2024.